

CA  
LO

ÁLVARO LARANJEIRA SANTOS

25 MAI - 26 JUN 2022

TÁ

DA ANATOMIA CIRÚRGICA  
À IRREALIDADE DA IMAGINAÇÃO

CISTERNA DO COLÉGIO  
DO ESPÍRITO SANTO  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

GO



(Página deixada propositadamente em branco)

Nasci em agosto de 1960, tenho 61 anos. Filho de uma professora de francês e de um escultor, tive uma infância privilegiada em que as artes e a literatura marcaram uma presença indelével. Contudo, escolhi a Medicina.

Sou médico desde 1985 e cirurgião cardíaco desde 1996. Durante os anos de dedicação profissional mantive-me atento ao mundo artístico, interessado em aprender, em ver exposições, enriquecer o olhar. Sempre desenhei. Desenhava nos tempos mortos, em todos os momentos, à mesa dos restaurantes, no hospital à espera de entrar para o bloco operatório, nas longas noites de vigília e de urgência, nas reuniões intermináveis de assuntos desinteressantes. Desenhava horas e horas, dias, semanas, meses, durante anos. A minha mão foi ficando mais leve, o traço fluído e as folhas brancas iam-se enchendo de riscos, linhas, manchas, cor. A imaginação voava perdida.

No outro lado do cérebro a cirurgia cardíaca era uma vocação, a aorta e o arco uma paixão. Doenças raras em doentes com pouca esperança, anatomias muito complexas, maus prognósticos, resultados incertos, risco cirúrgico elevado.

Desenvolver diferentes estratégias cirúrgicas para abordar estes doentes, constituía um enorme desafio que não pude resistir. Trabalhei com uma excelente equipa, estudando e planeando os passos e as técnicas para reduzir o número de complicações e atingir os melhores resultados. Nos relatórios operatórios, as ilustrações destas técnicas e os detalhes das opções cirúrgicas, eram fundamentais. Os desenhos passavam a fazer parte da história do doente. Um esquema, uma imagem vale mais do que mil palavras.

Após 30 anos de experiência, aos últimos doze quase exclusivamente dedicados a intervenções na aorta torácica, soma-se uma enorme casuística nesta área. Surge, naturalmente, um novo projeto. Um livro de memórias cirúrgicas - *350 Casos Clínicos. Cirurgia complexa da aorta torácica: Estratégias, opções e resultados nos aneurismas, nas dissecções e nas reoperações*. O que fiz, como planeei, quais as estratégias escolhidas e quais os resultados.

Esta exposição é uma pequena amostra das ilustrações do livro. São muito técnicas. Foram escolhidas entre as 1500 presentes, a razão de ser das 500 páginas do texto, dividido em 24 capítulos. Três anos de pesquisa e de trabalho diário.

Como nunca deixei de desenhar, além dos desenhos dos relatórios operatórios (refeitos) apresentam-se na exposição os rascunhos recuperados, colados e reinterpretados pela imaginação subconsciente. Na continuidade desta pulsão desenhística automática, ao sabor da pena, neste caso da caneta, estão expostos outros conjuntos de colagens, trabalhados nos detalhes até à exaustão, realizados nos últimos anos.

Enfim, trata-se de uma exposição de um cirurgião que realmente teria preferido ser artista.

**Álvaro Laranjeira Santos**

# DA ANATOMIA CIRÚRGICA À IRREALIDADE DA IMAGINAÇÃO

Os adultos fazem negócios.

Têm rublos nos bolsos.

Quer amor? Pois não!

Ei-lo por cem rublos!

E eu, sem casa e sem tecto, com as mãos metidas nos bolsos rasgados, vagava assombrado.

À noite vesti os melhores trajes e ides descansar sobre viúvas ou casadas.

A mim Moscovo me sufocava de abraços com seus infinitos anéis de praças.

Nos corações, nos relógios bate o pêndulo dos amantes.

Como se exaltam as duplas no leito do amor!

Eu, que sou a Praça da Paixão, surpreendo o pulsar selvagem do coração das capitais.

Desabotoado, o coração quase de fora, abria-me ao sol e aos jactos d'água.

Entrai com vossas paixões! Galgai-me com vossos amores!

Doravante não sou mais dono de meu coração!

Nos demais - eu sei, qualquer um o sabe!

O coração tem domicílio no peito.

Comigo a anatomia ficou louca.

Sou todo coração - em todas as partes palpita.

Oh! Quantas são as primaveras em vinte anos acesas nesta fornalha!

Uma tal carga acumulada torna-se simplesmente insuportável.

Insuportável não para o verso deveras.

Vladimir Maiakovski - "Adultos"

Uma das prerrogativas da Arte é a instauração. Penso que já deixei registada algures a definição de arte que costumo dar aos meus alunos: «Arte é introdução no nosso ambiente, pelo ser humano, de formas que antes não existiam e que podem ser experimentados esteticamente». Trata-se de uma definição que se prefere à mais lata *boutade* atribuída a Marcel Duchamp: «Qualquer coisa é arte se um artista o disser».

Para se compreender esta particular exposição de Álvaro Laranjeira há que cruzar este ponto de partida com um assunto a ser necessariamente abordado, que é a candente ligação da Arte à Ciência. No presente são vários os artistas que se dedicam à ciência e vários cientistas que se dedicam à arte, nem sempre sendo os resultados obtidos de assinalar de parte a parte. Fica normalmente um travo a anacronismo, como sucede com as criações do cipriota Stelarc, no âmbito do projeto *Amplified Body / Involuntary Body / Third Hand*, uma terceira mão que pode ter leitura plástica, claras aplicações co-reográficas, mas que tem uma caligrafia horrível, ou a orelha de teflon que o

referido criador implantou no antebraço no âmbito do *Extra Ear Project*, mas que se torna totalmente inútil, já que nasceu completamente surda. Poderão ser ainda referidas as bem mediáticas operações plásticas da francesa Orlan, tantas vezes alvo de incompreensão, por fúteis.

Mas há casos nobres como o de Eduardo Kac, criador de uma planta que não pode ser encontrada na natureza, num projeto realizado a partir da biologia molecular e, sobretudo, o do cientista da Universidade de Berkeley, Ken Goldberg com um número muito relevante de artigos científicos, publicados na esfera da Robótica e em particular da Robótica Médica, que paralelamente e em estreita ligação e derivada da sua pesquisa científica se dedica a uma produção artística vasta e bem curiosa.

O caso de Álvaro Laranjeira é bem diferente. Antes de mais há que referir o seu percurso científico que o levou a cirurgião cardiotorácico em estruturas relevantes, sendo de mencionar a sua investigação na área da Medicina, aí instaurando ao definir/criar novos procedimentos que o conduzem à partilha dos processos que desenvolveu com a comunidade através da sua compilação em publicação científica.

Fica desde logo a pergunta provocatória, à luz da definição anteriormente proposta de Arte: será que esses procedimentos inovadores podem ser escrutinados sobre o ponto de vista estético? Não pode existir qualquer dúvida, sobretudo quando o criador plasma a sua atividade nos seus inovadores desenhos e evidência que, também, a sua visão científica é marcada por um ponto de vista estético.

Importa agora referir a forma como cultiva o desenho. Num mundo onde os artistas multimédia são privilegiados, Álvaro Laranjeira não tem qualquer outra preocupação que não o cultivar de forma absolutamente pessoal o desenho e de que forma... Já conhecíamos o seu impulso para o desenho, nomeadamente séries anteriores, marcadas por interações, autorretratos, mas também as séries de desenhos eróticos, agora vai muito mais além.

Álvaro Laranjeira desenha por impulso, de forma quase obsessiva, onde e quando pode, sempre. Sem esforço, mas de forma árdua, o que o leva a assumir uma nova forma de composição, que lhe passa a ser muito própria, diversa de tudo quanto se viu até aqui, carregada e complexa, não linear, a que também não é alheio o suporte eleito, já que muitas vezes desenha sobre papéis que recicla, que desenha e depois agrega, criando composições bem complexas, onde a temática varia de acordo com o que lhe vai na alma. Pode começar por um autorretrato que é irónico, às vezes quase cruel, servindo muitas vezes de ponto de partida para uma análise do autor perante a vida, com o que de melhor esta tem, mas também com as perplexidades que a mesma suscita. As representações podem ser feitas à vista ou pelo contrário metafóricas, vindo à memória a máxima desse João Baptista mais conhecido por Molière «Je prends mon

bien où je le trouve», que tão bem se cola ao que desenha. Há a representação de coreografias de dança, de corpos marcados pela dor, o sonho da razão que produz monstros que também havia perturbado Francisco de Goya está omnipresente e também, obviamente, a representação da mulher que tem um lugar muito relevante, que perpassa em muito nos seus desenhos livres. A mulher é assumida como um pretexto para o autor manifestar de alguma forma a sua perplexidade perante o mundo, vivendo uma vida bem contraditória, pelo que esta pode ser representada de forma hiperbólica, metafórica, paradoxal, no fundo verdadeiro oxímoro.

Agora vai muito mais longe, voltando a instaurar. Numa exposição muito coerente, várias áreas do desenho são tocadas, primeiro, quase como uma forma de introdução e enquadramento, é exposto um conjunto de desenhos, organizados em painéis de dimensão significativa; depois, tem a generosidade de partilhar connosco montagens dos estudos para uma obra científica que escreveu e ilustrou: *350 Casos Clínicos. Cirurgia complexa da aorta torácica: Estratégias, opções e resultados nos aneurismas, nas dissecções e nas reoperações*, onde expõe as diversas intervenções que tem feito, com um número muito significativo de estudos de caso, apontando para novas formas de operar. São as ilustrações desta obra que culminam nesta exposição, ou seja, um conjunto de desenhos, onde a cor também entra, que mostram as intervenções passíveis de ser feitas. Aqui também se inova ao nível do desenho científico. Há objetivamente instauração, fugindo-se do naturalismo habitual, que não tem qualquer inovação, entrando-se em novos caminhos. O desenho continua a ser científico, continua a ilustrar, mas permite também novas leituras estéticas.

Enfim, coisas da aorta...

## **Paulo Morais-Alexandre**

---

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Politécnico de Lisboa; Pró-presidente para as Artes do Politécnico de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos). Afiliação institucional: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal; Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal;. E-mail: pmorais@estc.ipl.pt.

*Só há um templo no mundo e é o corpo humano.  
Nada é mais sagrado que esta forma sublime.  
Inclinar-se diante de um homem é  
fazer homenagem a esta revelação na carne.  
Toca-se o céu quando se toca um corpo humano.*

Novalis

Observo as imagens que brotam das mãos de Álvaro Laranjeira Santos, e penso num filme que marca o meu percurso académico e artístico: “O Sol do Marmeleiro” (1993), de Victor Erice. O realizador espanhol acompanha (com toda a tranquilidade que caracteriza o seu modo de filmar) as tentativas do pintor madrileno Antonio López, para fixar numa tela a luz do marmeleiro do seu quintal. É um filme sobre um artista, que tenta captar o gesto de procura que subjaz no processo criativo. É, essencialmente, um filme centrado na atenção paciente do olhar sobre o objecto – na imprevisibilidade das circunstâncias que envolvem aquela árvore (elementos externos, a meteorologia...), a casa e o quintal (as pessoas que surgem e situações que daí se desenvolvem).

Os desenhos de Álvaro Laranjeira Santos são também a história de um processo científico e criativo. Nos casos clínicos que Álvaro Laranjeira Santos reuniu, fruto do trabalho profissional, encontramos em potência um pensamento médico reflexo da sua minúcia como cirurgião. Através destes desenhos, descortinamos intervenções complexas ao nível da aorta torácica. Tal compreensão, para leigos, resulta desse labor do desenho, que começa com esboços que o médico redesenha e aprimora, acrescentando tridimensionalidade e uma gestão da cor.

Portanto, estes desenhos são muito mais do que relatórios científicos que exprimem casos que o médico quer e tem de registar. Provêm de pensamentos anteriores; contêm a origem do gesto – que vem dessa vontade obsessiva que Álvaro Laranjeira dos Santos tem de desenhar. Como refere o próprio, a mão e os gestos que dela saem foram-se tornando mais leves com o tempo e a experiência. O rigor provém da *praxis*. Estes desenhos clínicos são ainda um canal que nos faz atravessar para os outros desenhos, aqueles que resultam em quadros e telas de maiores dimensões. Reportam as vísceras, o nosso interior orgânico. Um imaginário envolve Laranjeira Santos. Através dele, os seus esboços descolam para outros lugares. Lugares igualmente interiores. Trata-se da passagem entre o carácter médico e o lado artístico (que em tudo se articula com o científico).

Nessas telas, o artista Álvaro Laranjeira Santos mantém o rigor técnico: na escolha das gradações de cor; na opção pelos preto-branco e respectivas zonas cinzentas; nas montagens de figuras, rostos, e corpos muitos deles com formas que nunca descortinámos em seres reais.

### **Do biológico ao inconsciente: as ligações imprevistas do imaginário**

As vísceras internas têm ambas as dimensões: o profundamente biológico e o profundo inconsciente. As articulações entre orgânico consciente e associações livres de ideias estão patentes na técnica apurada ao nível do desenho, da proporção e do traço. A máquina do coração tanto faz trabalhar o orgânico como o estético, desencadeando essa ligação profunda entre ciência e arte. A exactidão está em ambas: o que se deixa desenvolver é o lado do inconsciente. A mão que fica ainda mais solta para deixar-se ir por aquilo que mente e coração não imaginavam ter dentro de si.

Escreve Stefan Zweig: *“Se quisermos portanto chegar a uma fórmula, digamos que aquilo que, de facto, sucede no processo de criação artística não deve chamar-se ‘inspiração ou trabalho’. Criar é uma luta constante entre o consciente e o inconsciente.”* (1969, 110) A articulação entre ambos está na mão que se torna canal de um fluxo de imagens, sensações e percepções de movimento que este do homem médico-desenhador tem dentro de si. Expressa-as através do desenho - foi sempre aí que tudo começou. Desenhar, esboçar, fazer esquiços. O que guarda no inconsciente, ao cair no papel, traz essa transformação dos canais da aorta. Uma metamorfose em que tais canais são simultaneamente corpos de homens e mulheres - rostos que nos olham e inquirim: *Quem és tu também?* As vísceras de um corpo nascem de novo para outras modalidades de ser.

Voltando ao filme de Erice, que gesto mais impossível o de tentar fixar num quadro a luz perene, que muda a cada instante. É destas (im)possibilidades que vive a arte. Lopez, em “O Sol do Marmeleiro” tem as suas estratégias: permanece junto da árvore numa relação simbiótica e visceral, que ao longo do tempo, o permite conhecer intimamente aquilo que está a desenhar. O que importa é o processo; captar a mudança e o tempo. O que observamos, ao longo do filme, é o gesto do artista que pinta, o olhar atento sobre cada fruto - e passamos também a estar atentos à luz que vai e vem em cada folha, que permanece num arbusto por instantes, ou de como cada raio de sol cria novas sensibilidades e nuances do que é a luz que incide num marmeleiro. Antonio Lopez e Álvaro Laranjeira Santos vivem ambos um processo, que vai do concreto e sensível - orgânico e meteorológico - para a expressão artística.

Álvaro Laranjeira Santos estabelece essa passagem, porque na forma única de se apropriar do desenho científico dos estudos clínicos está o rigor da arte e

da técnica que esta também exige. Deste lado, encontra-se o que é impossível esboçar no outro. Está o onírico - com tudo o que acarreta e que só existe ao ser exteriorizado, através do gesto automático. Neste caso, nos desenhos e telas de Álvaro Laranjeira Santos, que são resultado de um imaginário interno, mas que não descora a “lei do contraste, do compromisso final entre o consciente e o inconsciente, (em) que o artista permanece encerrado. Dentro dos limites dessa lei, o artista é livre. (Zweig, idem).

A cor, o traço e suas cadências, a minúcia, a finura e a proporção entre o pequeno e o grande, a desproporção entre o preenchimento da tela e os espaços em branco estão, de antemão, nas centenas de estudos clínicos que o médico registou, a fim de estudar e aprofundar a sua especialidade - a cirurgia à aorta.

Erice filmou em “O Sol do Marmeleiro” o processo criativo de um pintor em torno do desafio de fixar num quadro a luz que incide numa árvore. Também a obra de Álvaro Laranjeira dos Santos pede esse gesto, que frequentemente só a imagem em movimento e o cinema conseguem registar: o gesto que acontece no fluxo do tempo, o processo de criação e os seus imprevistos e enviesamentos. Filmar e estar atento ao processo criativo do médico-artista Álvaro Laranjeira dos Santos seria um desafio. Além do gesto de execução do desenho, o acto de filmar um processo criativo pressupõe um atravessamento com carácter e *personalidade* do autor. Entre o biológico, o carnal e o visceral, falamos dos gestos de artista, que brotam do inconsciente e incluem o rigor do desenho científico. Processo misterioso, bem como a pessoa que o traz à luz da expressão artística nas telas que observamos de Álvaro Laranjeira Santos. O fundamental, na interseção e simbiose entre o cinema, o desenho e a pintura, é que a câmara dê conta desses *instantes decisivos* (Cartier-Bresson), num tempo único e irrepetível.

### **O estranho familiar: os seres que habitam em nós**

Então, o que é familiar torna-se um mistério. Adere a uma certa estranheza. Quando damos conta dos detalhes existentes numa tela de Álvaro Laranjeira dos Santos, percebemos que aconteceu um encontro entre os seres que nascem das vísceras do autor e os nossos seres interiores - e que são transvases do inconsciente e do imaginário. Trata-se do interior do organismo, bem como do interior da mente. Do que é impalpável, e atravessa o exterior através da expressão do desenho e da pintura - no caso de Álvaro Laranjeira Santos. Seres, figuras e olhares que convocam medos, desejos, vazios e as confusões que existem em cada um de nós. Como seres unos e múltiplos que somos. Por isso, as telas de Álvaro Laranjeira dos Santos explodem dentro de si mesmas: são colagens de esboços e reciclagens de folhas que foram registos clínicos, onde convivem e contam as suas histórias personagens, figuras e formas estranhas. Mosaicos de sensações, que, como num sonho, renascem em cada obra nas suas ligações inesperadas.

Corpos de mulheres dançantes; rostos e auto-retratos a pedir o contra-campo do nosso olhar; entranhas e pedaços de órgãos; ligações da aorta e outros órgãos; seres andrógenos que se passeiam e escapam na sua significação.

Poderíamos concluir que nos painéis e telas de Álvaro Laranjeira Santos o que resta é o caos. Porém, *seja em que poesia for, o caos deve transparecer sob o véu cerrado da ordem*. [Novalis]. Aqui, existe equilíbrio e harmonia no traço destas personalidades, que nos fazem olhar para o nosso próprio caos. Para, quem sabe, pensarmos nas (im)possíveis, contraditórias e reveladoras articulações existentes entre o nosso consciente e inconsciente.

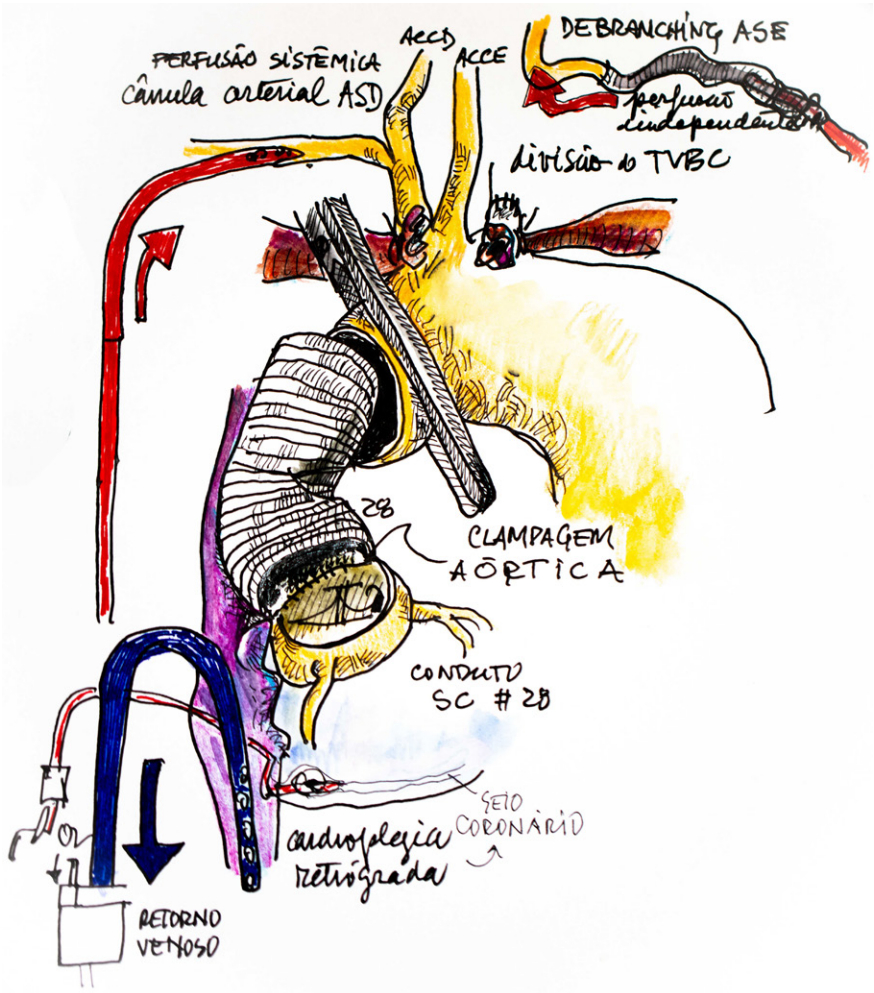
A cor é fundamental em todo este processo: os cabelos de laranja fogo de uma mulher, o seu maiô azulado que se destaca nos cinzas, os *collants* vermelhos e amarelos. A cor é a do movimento e dos corpos livres. Há susto medo e inquietação no interior de cada uma destas figuras. Mistério ainda maior quando o que nos é devolvido é o rosto (auto-retrato) do artista. O que é que Álvaro Laranjeira Santos nos quer dizer? O que está a expressar? Provavelmente aquilo que nem ele nem nós sabemos... São obras sobre a arte e o que vai dentro de nós. Obras sobre o complexo, o que confunde, o que dispersa e une. E, como no mundo onírico, obras que condensam e adensam.

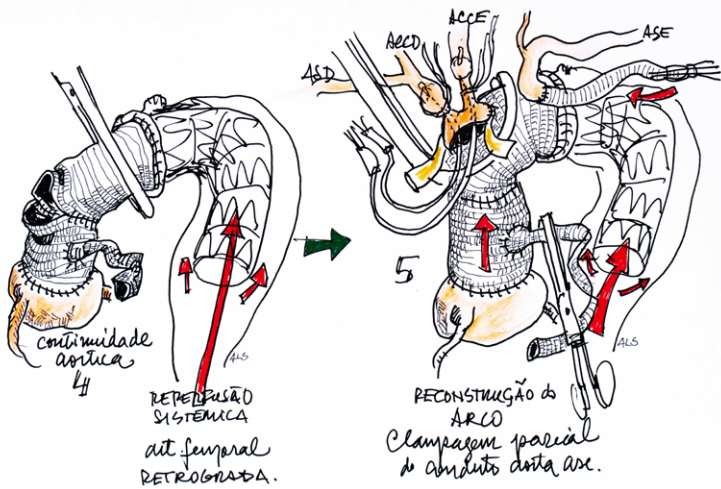
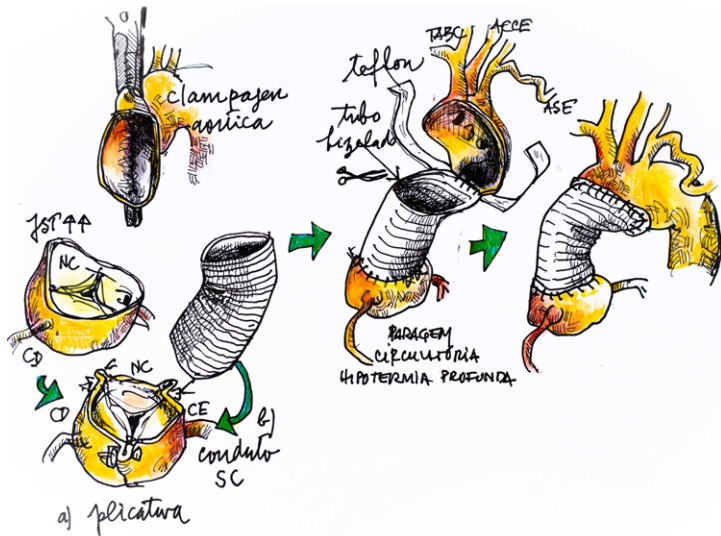
Em “O Sol do Marmeleiro”, abandonada a tela, vamos para a narração em *voice over* do sonho de López, que está na origem de toda a atenção que o pintor dá à luz sobre a árvore do seu quintal. Erice conclui assim que a atenção, como escreveu Simone Weil, é uma oração. Percebeu-o, acompanhando e filmando o processo e trabalho criativos de Lopez. A atenção a cada pormenor dos traços, figuras e formas em movimento de dos quadros de Álvaro Laranjeira Santos permitem-me concluir que existe um filme em potência por trás do trabalho e personalidade deste médico-artista. Como argumentista e realizadora entusiasma-me voltar a reconhecer que existem muito mais narrativas dentro de nós que aquelas que contamos nós mesmos e a outros. A massa de que é feita a aorta, as ligações do coração são a massa e as ligações do inconsciente e do imaginário particular de cada indivíduo. É tudo misterioso: a vida, a arte, o *daydreaming*, os sonhos, o sono, e a vigília da vida de todos os dias. É aqui que a expressão estética e o sentimento do belo surgem. A arte nasce. Une o caos e a ordem. Responde e pergunta. Revela para velar ainda mais. Mostra o interior do organismo e da mente. O corpo, a psique. Por isso, o encontro original, controverso e único entre o palpável e o impalpável acontece nas obras de Álvaro Laranjeira Santos.

#### **Referência bibliográfica:**

ZWEIG, Stefan. *A Marcha do Tempo*. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1969.

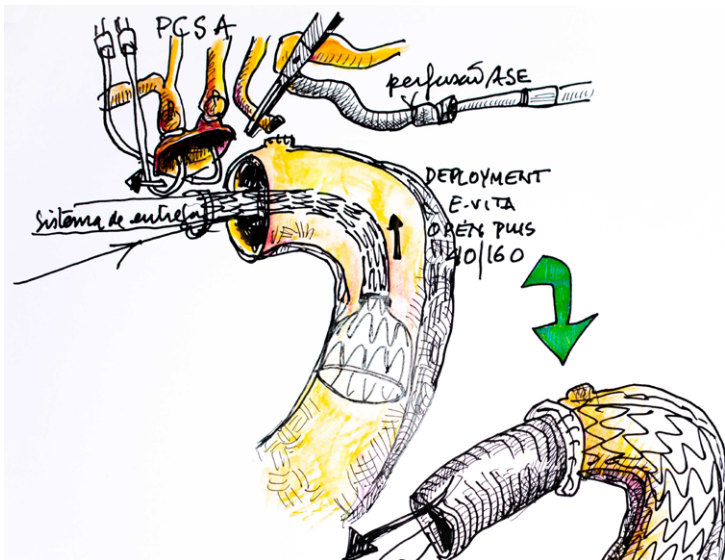
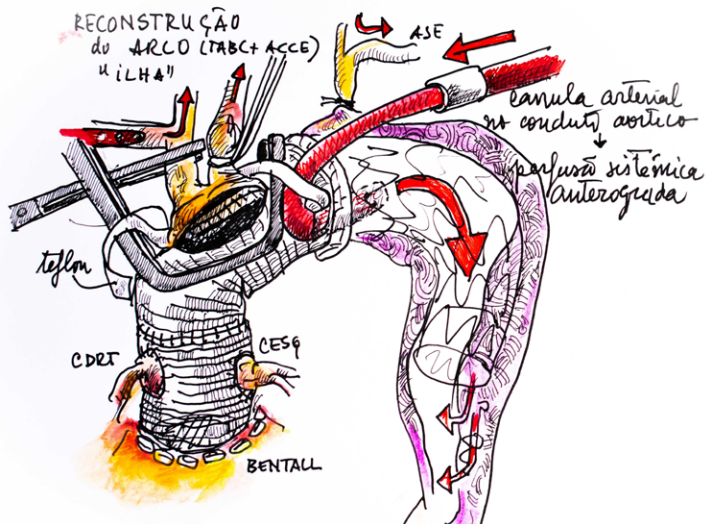
# **Da Anatomia Cirúrgica à Irrealidade da Imaginação**

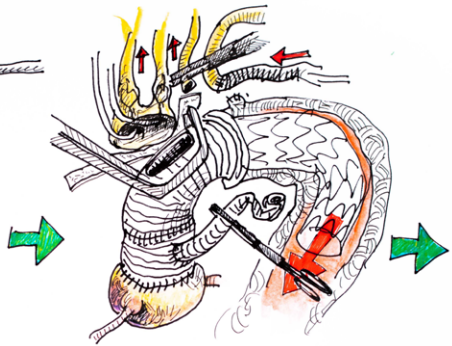
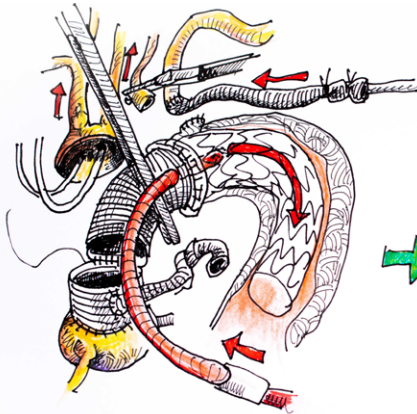
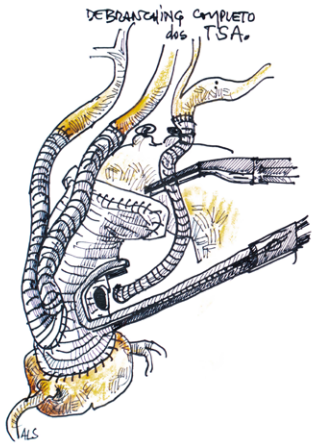


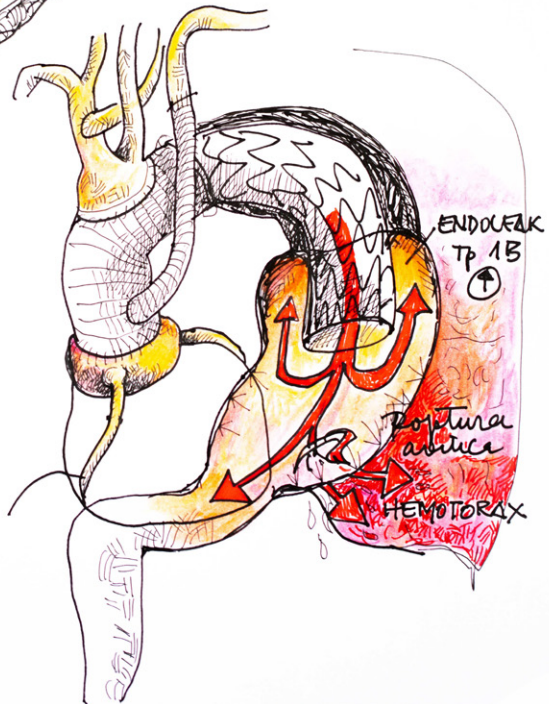


























## **ÁLVARO LARANJEIRA SANTOS - DA ANATOMIA CIRÚRGICA À IRREALIDADE DA IMAGINAÇÃO**

EXPOSIÇÃO DE DESENHO

25 de maio de 2022 a 26 de junho de 2022

**Curadoria:**

Céu Vasconcelos, Lino Patrício, Paulo Morais-Alexandre, Vítor Gomes

**Fotografia:**

Rita Laranjeira Santos

**Edição:** Politécnico de Lisboa

**Conceção Gráfica:** DesignLab4u

**Paginação:** Gabinete de Comunicação e Imagem do IPL

**Organização:**

EspaçoArtes - Politécnico de Lisboa / Universidade de Évora

**Local:**

Évora, Universidade de Évora

(Página deixada propositadamente em branco)

CONSULTE ESTA E OUTRAS  
INICIATIVAS NA AGENDA CULTURAL  
DO POLITÉCNICO DE LISBOA  
[AGENDACULTURAL.IPL.PT](http://AGENDACULTURAL.IPL.PT)



**POLITÉCNICO  
DE LISBOA**